O QUE É UMA APAVORAÇÃO: ENCRUZA ENTRE AS METODOLOGIAS POÉTICO-TERRORISTAS PRESENTES NO TRABALHO DO COLETIVO PROCURA-SE MARLY E NAS BRINCADEIRAS POPULARES DE CARETAS E PAPANGUS

Rosana Braga Reis[1]
Ana Mundim[2]

RESUMO

Esse resumo expandido propõe reconhecer as encruzilhadas entre as metodologias de criação, práticas e signos evocadas pelo espetáculo de teatro expandido e itinerante “Apavoração”, estreado em 2023 pelo coletivo Procura-se Marly (atuante nos municípios de Fortaleza, Redenção e Acarape, com forte concentração na Unilab), e as características imanentes a manifestações e brincadeiras populares como a dos Caretas e dos Papangus (com ocorrência em diversas regiões do interior e do litoral cearense, além de vários outros territórios do nordeste brasileiro). Para estabelecer essa encruzilhada ética, estética e metodológica entre Apavoração e Caretas/Papangus, trago como referências o terrorismo-poético em Hakim Bey (Bey, 2003), a “aparição” em Lhola Amira (Gorzillo, 2019) , a noção de Encruzilhada Multilingue, criada por Wilame Júnior, o Jovem Ésù (Júnior, 2022) no bojo do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BHU) da Unilab e o estudo comparado entre pré-teatro e Papangus realizado por Pedro Pereira Nascimento (Nascimento, 2024), outro pesquisador formado pelo BHU da Unilab.

Palavras-chave: Apavoração; Papangus; Terrorismo Poético; Encruzilhada Multilingue.

Universidade Federal do Ceará (mestre pelo PPGARtes) / Unilab (servidora TAE), Instituto de Cultura e Artes - ICA (UFC) / Unilab (SECOM) , TAE, rosanabragareis@unilab.edu.br[1]
UFC, ICA, Docente, anamundim@ufc.br[2]

ISSN: 2447-6161

INTRODUÇÃO

“Apavoração” é um espetáculo híbrido entre teatro, performance e festa que estreou oficialmente em 02 de março de 2023 durante a 10ª Mostra Porto Iracema das Artes – MOPI10. Participei do laboratório como proponente de uma pesquisa intitulada inicialmente apenas como “Procura-se Marly” (derivada diretamente da minha pesquisa de mestrado em Artes pelo PPGArtes/UFC) e que, uma vez aprovada, fez nascer um coletivo homônimo integrado por 9 artistas moradoras nas cidades de Redenção, Acarape e Fortaleza, e criadoras do citado espetáculo. À época, buscávamos encontrar um novo corpo para Marly, a remetente desconhecida de uma carta de amor escrita em 1957 na cidade de Fortaleza, e queríamos que o nascimento desse corpo não ocorresse pelas vias clássicas do teatro, mas por alguma metodologia que surgisse durante a investigação. Nesse intuito, nos apegamos, a priori, ao conceito de “aparição”, a partir de Lhola Amira, uma “presença ancestral” que surge no corpo do curador e acadêmico Khanyisile Mbongwa. Segundo a pesquisadora Maria Regina Gorzillo:

Amira aparece como uma manifestação espiritual através do corpo físico de Mbongwa, uma prática comum no espiritualismo da África Meridional. (...) Lhola Amira “subverte o olhar sobre os Corpos Negros – o olhar para o “palco”, o pedestal e o espetáculo da performance – chamando sua ação de “Aparição”. (Gorzillo, 2019, p. 58)

Acaba que a “Apavoração” em Procura-se Marly tornou-se uma corruptela de “aparição” a partir de Lhola Amira. Entendemos, com o processo, a especificidade do termo “aparição” para a cultura e ancestralidade de Lhola Amira, mas que para um coletivo composto em boa parte por corpos dissidentes e nascido entre o Maciço de Baturité e a Capital, haveriam de se configurar com uma outra metodologia de ação e criação de presenças, comunicações, caos.

Durante a criação do espetáculo e seus processos gerativos, fomos quase inconscientemente adotando procedimentos de criação similares ao de muitas brincadeiras populares que perpassam o território do Ceará, tais como os Papangus e os Caretas, manifestações que têm ocorrência em diferentes pontos do interior e litoral, principalmente na semana santa. A forma de dispor figurinos pelo corpo, tornando-o irreconhecível. O uso de álcool junto com a plateia. A deriva pelo território. O pavor misturado à simpatia causado na população, que acaba virando plateia, por mais que não siga o cortejo.

A intenção, portanto, para essa pesquisa, é identificar o apavoro em outros corpos e territórios: fazer parentescos (Haraway, 2023) com apavorações ancestrais, componentes de nossa memória coletiva que, intuitivamente, nos levaram a desenvolver esse primeiro trabalho. Dentro desse escopo, trago a noção de que tanto o trabalho do coletivo Procura-se Marly quanto as manifestações dos Caretas e Papangus tratam-se de exemplos possíveis de terrorismo poético, como estabelece Hakym Bey, que orienta a entender “arte como crime, crime como arte” (Bey, 2003, p.7), numa lógica em que o objetivo final seja a transformação da realidade por ações que, a priori, talvez nem sejam compreendidas como arte — ou melhor, que preferencialmente sejam apresentadas a indivíduos que as desconsiderem como tal.

A pesquisa

A composição dos figurinos traz um ar de anonimato tanto na Apavoração (Fig. 2) quanto nos Papangus (Fig.1), bem como existe um quê de grotesco nas corporeidades apresentadas. Para Ileana Diéguez Caballero,

o corpo grotesco observado por Bakhtin adquire plena dimensão nas ações carnavalescas; pertence ao sistema de imagens da cultura popular, onde o 'alto' e o 'baixo' têm sentido estritamente topográfico e onde se integram o cósmico, o social e o corporal. Nesse lugar o grotesco representa uma imagem heterogênea e ambivalente do mundo, integrando reinos opostos: vida-morte, riso-dor. (Caballero, 2011, p.54)

ISSN: 2447-6161

Acredito que manifestações desse tipo estão entranhadas na nossa "memória coletiva" que, segundo Milton Santos, é "o cimento indispensável à sobrevivência das sociedades, o elemento de coesão garantidor da permanência e da elaboração do futuro" (Santos, 2006, p.223).

Percebemos, também, que grupos especificamente subalternizados apoiavam nossa passagem pelo espaço público: pessoas em situação de rua, dissidentes de gênero, trabalhadoras do sexo, pedintes, crianças peraltas. Apavorações humanas. Diga você se a descrição a seguir também não lhe soa como um apavoro:

A carnavalização está presente na farra permitindo os extravasos e a libidinagem. As transformações ou atualizações da brincadeira, transformaram o bastão que antigamente carregavam para espantar os cães danados, no "pau das meninas". Neles, escrevem o nome das moças que vão encontrando. As meninas pedem para ler os nomes que têm no pau e assinam também. Nesse momento os papangus mais gaiatos fazem brincadeiras obscenas. (...) "Chegamos acolá aí a menina pediu pra vê o pau –'mostra aí' – aí num quis mais porque ela disse que era grande e grosso. Aí ela chegou pra esse pivete aqui e disse: '- deixe eu ver o seu!' aí ela disse: '- esse aí tem que alisar muito'- Aí eu disse pra ela '- e o meu?'- é desse jeito macho... é divertimento sabe!? Não é pra ameaçar ninguém não!". (Lourenço, 2008, p. 51)

O trecho se trata de um relato coletado durante a Semana Santa por Frank Lourenço com os Papangus que brincam em Russas, no Ceará. Para esse pesquisador, os Papangus "são as almas penadas soltas no mundo, ligando presente e passado, mantendo a ordem no caos" (Lourenço, 2008, p. 49).

Lourenço vai correlacionar essa brincadeira popular como uma espécie de "pré-teatro", onde "não existe o texto, nem o ator, nem o espectador" (Lourenço, 2008, p. 51), mas sim o jogo. Já Pedro Pereira Nascimento vai correlacionar a manifestação dos Papangus, também, ao conceito de "outro teatro" em Zeca Ligiéro, definição que se aplicada às

performances artísticas e culturais que envolvem narrativas, danças, cantos e elementos cenográficos, utilizadas principalmente pelas tradições africanas, asiáticas e ameríndias que se tornaram conhecidas como importantes para o mundo das artes cênicas através de diretores de vanguarda da Europa no século XX. (Ligiéro apud Nascimento, 2021, p.3)

METODOLOGIA

Nessa pesquisa, me utilizo da Encruzilhada Multilíngue (Júnior, 2022), que é uma metodologia criada a partir do caos metodológico do orixá Exu, em que o sujeito pesquisador é autodenominado exu-pesquisador e o território de pesquisa é concebido como um território esférico. O exu-pesquisador é o centro da encruzilhada e se vê atravessado por quatro caminhos-linguagem planificados como quatro pontos cardeais, quais sejam: audiovisual, imagem, oralidade e escritos. A eles, "somam-se três 'caminhos-existenciais' que dão movimento à esfera, quais sejam: ancestralidade (para baixo), o vir-a-ser (para cima) e a subjetividade (para dentro)" (Júnior apud Reis, 2024, p.79).

Ou seja: é uma encruzilhada de sete pontas em que eu, exu-pesquisadora, estou no centro, sendo atravessada pela produção audiovisual, pelas conversas em campo de pesquisa e criação ou fora dele (oralidade); pela própria produção acadêmica (revisão bibliográfica e nova produção de escritos) e pela análise semiótica das imagens oriundas tanto das Apavorações quanto dos Papangus.

Dando movimento e elaborando intelectualmente esse cruzo, trabalham minha ancestralidade e a ancestralidade de meu território, os encontros que o vir-a-ser promoverá e as minhas autoescrituras e experiências pessoais. "É importante compreender que o caos metodológico diz respeito ao movimento de

ISSN: 2447-6161

pesquisa e os dados que são gerados a partir desse trânsito, que é motivado pelo desejo - intenção de pesquisa -, compreendido através dos caminhos-existenciais" (Júnior, 2022, p. 33).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como principais elementos encruzilhados entre a Apavoração e a manifestação dos Caretas e Papangus, percebo que estão o figurino (caracterizado pela nuance entre reaproveitamento e decadência), a itinerância e a performance que trafega entre alegria e grotesco.
Considero os Papangus como espécies de "apavorações da cultura popular": transitam em bando, com os corpos e rostos cobertos por alegorias e tecidos montados com um certo aspecto de decadência, assustando crianças e pedindo angu (farinha de milho) para comer pelas casas. Em alguns casos pedem dinheiro pra bebida, ficam chumbados de álcool, às vezes se vingam de quem não contribui revirando lixo. Existe um certo aspecto que provoca, simultaneamente, atração e repulsa nessas figuras. Acredito que o mistério em torno de suas identidades trazem essa aura de terror e festa que eles inspiram. (Reis, 2024, p.)

CONCLUSÕES

Reconheço essa nossa necessidade, enquanto artistas contemporâneos do Sul-Global, de nomear uma "outra categoria" de arte dissidente das linguagens ocidentais que a gente quer colocar (e coloca!) na rua, cuja gênese de alegria, terror e pensamento coletivo gerativo de caos e ordem não começou conosco, mas tem semente na cultura popular — a ancestralidade do terrorismo poético praticado há gerações pela nossa gente — coisa que o estadunidense Hakim Bey talvez nem entenderia. É olhar pros Papangus, pro Carnaval, pros Caretas, e tantas outras manifestações que, acredito e pretendo investigar nesse sentido, podem ser todas consideradas apavorações.

AGRADECIMENTOS

À RUA!

REFERÊNCIAS

BEY, Hakim. Caos: terrorismo poético e outros crimes exemplares. São Paulo: Conrad. 1ª edição. 2003.
CABALLERO, Ileana Diéguez. Cenários limiares: teatralidades, performances e política. Tradução: Luís Alberto Alonso, Angela Reis. Coleção Teoria teatral latino americana, vol. 1. São Paulo: EDUFU, 2011
GORZILLO, Maria Regina. Processos de criação em performance e as práticas comunicativas. Mestrado em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica - PUC. São Paulo, 2019.

ISSN: 2447-6161

JUNIOR, Wilame da Silva. Entre lugares e não lugares: memórias encruzilhadas pelos símbolos e narrativas da escravização na contemporaneidade de Redenção – CE. Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Unilab. Acarape, 2022.

LOURENÇO, Frank. O pré-teatro e a função da máscara: O fogo brincante dos Papangus. ILINX-Revista do LUME, v. 1, n. 7, 2008.

MARGINAL, Fluxo.[@fluxomarginal] “Kariri território indomável”. Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C5N0uGoOFSk/. Acesso em 01 de agosto de 2024.

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. concinnitas | ano 17, volume 01, número 28, setembro de 2016.

NASCIMENTO, Pedro Pereira. O pré-teatro e a cultura dos Papangus de Caetano e de Sucatinga Beberibe-CE. Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Unilab. Acarape-CE, 2021. Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2791. Último acesso em: 29 de julho de 2024.

SIMAS, Luiz Antônio. O corpo encantado das ruas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1a edição. 2019.

REIS, Rosana Taynara Braga. Procura-se Marly: toda busca traça um mapa e Rastros de Apavoração em Procura-se Marly e O que é e o que pode um corpo-carta. Mestrado em Artes. Universidade Federal do Ceará - UFC. Fortaleza, 2024. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/76927. Acesso em 31 de julho de 2024.

ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ISSN: 2447-6161